

Das Deusas: arte, gênero, filosofia.

Ficções narrativas ou imagéticas, estas figuras nos permitem elaborar o conceito de feminino. Elas amam, caçam, tecem, discursam, matam, parem, cuidam. Fazem guerra. Enganam. Pensar filosoficamente as deusas, escrever sobre elas, torná-las visíveis, é um modo de trazer as mulheres para um espaço dialógico que nem sempre as recebeu. É consabido que as mulheres intelectuais e artistas foram eclipsadas na história “oficial” veiculada nos manuais e escolas. As mulheres, de modo geral, eram as discípulas, as esposas, as amantes, as musas inspiradoras, as modelos ou as filhas de um homem ilustre.

Quem foi Kiki? A musa de Man Ray? E a modelo de Soutine, Tsuguharu Foujita, Francis Picabia, Jean Cocteau, Alexander Calder, Moïse Kisling, para citar apenas alguns dos mais conhecidos? *La Reine de Montparnasse* pintava, cantava, atuava em filmes e dançava. Kiki pode ser descrita apenas como uma pândega alcoólatra e viciada que morreu aos 52 anos. Pode ser a efusiva “Kiki, 1901-1953, cantora, atriz, pintora, Rainha de Montparnasse”, como diz seu epitáfio. Ou pode ser lembrada como uma das primeiras mulheres independentes do século XX. E pode ser todas na mesma narrativa e outras mais – a gorda Kiki do outono da vida, a bela Kiki do verão, a proprietária de um cabaré, a menina Alice Prin... Com efeito, Kiki realizou exposições de sucesso, gravou três discos, e atuou em diversos filmes, além de cantar e dançar ao vivo. Escreveu sua própria biografia e durante certo tempo financiou uma revista de arte¹. Tantas faces da mesma mulher mostram a complexidade das escolhas feitas ao longo da escrita historiográfica, que tanto pode ocultar, como desvelar. Claro que isso também depende das fontes, e quanto mais distantes no tempo, mais deterioradas ou mesmo inexistentes.

¹ Exposições: 25 de março a 09 de abril de 1927, na galeria *Au Sacre du Printemps*. 27 pinturas expostas. Catálogo assinado por Robert Desnos. Dezembro de 1929, participa de uma exposição na galeria *Trémois*, com Pascin, Per Krohg, Hermine David e Touchagues. Julho de 1930, suas telas são expostas na vitrine da livraria *At the Sign of the Black Manikin*, na Rue Delambre, por ocasião da publicação de suas memórias. Novembro de 1930, exposição na galeria *Bernheim*. Discografia: Julho de 1939 – lançamento do primeiro disco dupla face de Kiki. Início de 1940 – segundo disco; parece ter sido gravado antes da Ocupação. Março de 1940 – terceiro disco de Kiki. A revista *Paris-Montparnasse* (fevereiro de 1929 – março de 1930) lançada e editada por Henri Broca é parcialmente financiada por Kiki. Broca organiza a eleição da Rainha de Montparnasse em 30 de maio de 1929, sob a tutela da revista. Kiki é eleita. Os primeiros capítulos das memórias de Kiki são publicados em 15 de abril de 1929, no nº 3 da revista *Paris Montparnasse*. O livro *Memórias* de Kiki é editado por Broca em julho de 1929, com capa de Kisling, introdução de Foujita e fotografias de Man Ray, entre outros. Em 1930, sai a edição anglófona, com capítulos inéditos e prefácio de Hemingway. Em 1998 as *Memórias* acrescidas dos anexos da edição americana, são reeditadas por Billy Klüver & Julie Martin, pela editora Hazan.

Para piorar, pensemos nos textos que as mulheres produziam, os quais na maior parte das vezes eram escritos íntimos, como cartas ou diários, coisas que elas mesmas destruíam antes de morrer (PERROT, 2017, p. 30). Queimavam os vestígios de sua existência, temendo revelar seus mais sinceros pensamentos e desejos.

Afora isso, é mister notar que as mulheres normalmente não podiam - nem deviam pintar, esculpir, tocar um instrumento ou escrever - a não ser por prosaísmo. “Isso por questões de princípio: a imagem e a música são formas de criação do mundo. Principalmente a música, linguagem dos deuses. Mulheres são impróprias para isso. Como poderiam participar dessa colocação em forma, dessa orquestração do universo? As mulheres podem apenas copiar, traduzir, interpretar. Ser cantora lírica, por exemplo” (PERROT, p. 101). Podiam entreter a família com suas artes de uso privado. Podiam escrever cartas, manuais de boas maneiras, biografias de mulheres ilustres, e no final do século XIX, romances em folhetins. Mas isso não as tornava escritoras, nem artistas. Não as tornavam protagonistas da sua própria arte. Todavia, mulheres que fugiram à regra sempre existiram. De Safo e Cleobulina a George Sand e Kiki de Montparnasse², várias conseguiram fissurar as molduras da vida previsível a elas destinada. Mas não somente a arte e a literatura foram campos difíceis. Segundo Michelle Perrot (2017, p. 100), as ciências, notadamente a matemática, e a “nata do pensamento”, a filosofia, são fronteiras ainda mais resistentes³.

Por que tão poucas mulheres filósofas? Falta-lhes a experiência do mundo? Ou a do pensamento? Falta-lhes a formação? A audácia teórica? A ambição? O particularismo das mulheres, ao

² Safo de Lesbos (*circa* 630 AEC), a mais conhecida poetisa da Grécia antiga. Compôs poemas líricos para serem acompanhados por lira, em performances solo e corais. Seus versos tratavam de mitos, mas ficou mais conhecida por sua poesia sobre seu amor para mulheres que a rodeavam. Estima-se que escreveu aproximadamente 1.2000 versos. Chegaram-nos cerca de 112 fragmentos, segundo a edição PAJARES E SOMOLINOS (1994). Cleobulina de Rodes, *circa* 600 AEC, poetisa. Chegaram aos dias de hoje apenas três enigmas compostos por ela. Enigmas eram uma forma popular de diversão após o jantar. PLANT (2004, p. 29) observa que já na antiguidade sua história é cheia de fatos diversos e dissonantes. Detalhes da sua vida foram esquecidos. Ainda assim, é legítimo reconhecê-la como figura histórica. Ora, disso se pode depreender que a prática de apagar mulheres das páginas históricas não é de hoje. Contar aventuras e anedotas fictícias, ou transformá-las em heroínas, ou mártires, parece tão perigoso como destruir as provas materiais do seu legado intelectual. Ambas as práticas recusam a existência de mulheres escritoras e artistas “reais”, que vivem suas vidas cotidianas e produzem, a despeito das adversidades. GEORGE SAND (1804-1876), nascida Amandine Aurore Lucile Dupin, foi uma conhecida romancista francesa e a primeira mulher a viver de direitos autorais. Adotou o pseudônimo George Sand em 1832, quando escreveu *Indiana*, seu primeiro livro, que foi um sucesso. Ao que parece, teria usado um nome masculino para poder se inserir no meio literário da época.

³ Para situar apenas o caso brasileiro, em um relatório recente, publicado pela Anpof, Carolina Araújo diz que “as mulheres compõem 20,76% dos indivíduos docentes, enquanto os homens são 79,24%”. (ARAÚJO, 2016, p.4).

menos aquele que lhes é atribuído, e no qual são isoladas, as impediria de aceder ao universal? Ou para elas isso era simplesmente impensável? (PERROT, p. 100-101).

Não é intenção deste volume responder a tais questões, mas sim mantê-las pulsantes nos corpos e pensamentos. O que se pretende é abrir espaços para filósofas, artistas, escritoras. É estimular a participação delas e o diálogo entre elas. Por isso *Das Deusas* saltou da revista para a cidade de Porto Alegre: fizemos um evento no qual todas as palestras foram frutos do trabalho de mulheres, versando sobre o feminino divino. E junto com o evento, uma exposição de artes visuais, na qual as artistas foram convidadas a representar Iemanjá. Estes diálogos entre artistas e escritoras, tanto no atelier, como na revista, constituem-se uma ação política de inclusão e estímulo às mulheres nas artes, na escrita e na academia.

Os diálogos foram costurados da seguinte maneira:

1. Estabeleceu-se um tema geral, *Das Deusas*. Ou seja, um campo de representações do feminino na arte, na literatura, na história e na filosofia, por meio de figuras divinas. Deusa é, de fato, uma palavra equívoca. O que é uma deusa⁴? O feminino de um deus? A esposa divina, a mãe, a nutriz, a filha? Um sistema? Uma força natural? Um ser etéreo? Uma mulher? Uma e todas, as deusas são. As escritoras foram convidadas para escrever sobre as deusas que habitam suas pesquisas e seus imaginários. E além de deusas, sentiram-se instigadas a escrever sobre entidades, heroínas e personagens literárias das mais diversas tradições, num ímpeto descolonizador. O estilo, livre. *Das Questões* não se circunscreve a artigos cuja forma é acadêmica.

2. Consta no nome da revista a palavra “arte”. A arte, não como objeto de estudos, mas como linguagem e questão posta, foi chamada a comparecer. Neste caso, pensei em não repetir a mesma fórmula dos textos, que poderiam versar sobre diferentes deusas, e escolhi uma Orixá como tema para a exposição: Iemanjá.

Orixás são os nomes que as “divindades” recebem nos candomblés de origem iorubá e nas umbandas brasileiras. “Estas figuras representam – e são responsáveis – ora por uma força da natureza, ora por um fenômeno da experiência humana”. Iemanjá está

⁴ Acerca destas questões, vale consultar LORAUX, 1990, p. 42-54.

associada às águas salgadas, à organização e à maternidade (NASCIMENTO, 2016, p. 157). Ela se tornou muito popular e querida no Brasil. Trazida no coração das gentes de África sequestradas para o Brasil em navios negreiros, passou por processos de sincretismo tanto com o catolicismo, quanto entre as diversas práticas e crenças africanas entre si⁵. E, além disso, também com mitos dos índios brasileiros - as Iaras, sereias com longos cabelos que se misturavam aos mistérios dos rios.

Iemanjá é a rainha universal porque é água. É o mar, a mãe de tudo o que foi criado. Sem água, humanos, plantas e animais não sobrevivem; Iemanjá alimenta a todos. Força nutriz, dela vem a vida. “Sem água não existe vida. De Iemanjá nasceu a vida. E do mar nasceu o Santo, o Búzio, o verdadeiro Orixá, o Santo que falou pela primeira vez e disse às criaturas o que deveriam fazer” (CABRERA, 2004, p. 30). Isso não é tudo, evidentemente. Orixás são irredutíveis a uma caracterização unívoca. Tampouco os mitos. Com efeito, nas tradições e transmissões orais das religiões de matriz africana, as narrativas variam muito. Sendo assim, Iemanjá também simboliza o feminino, de modo mais amplo, e a mulher sedutora, de modo mais específico. Escolhi Iemanjá porque não é europeia, e porque compõe no Brasil uma trama complexa do feminino. Assim, propus para as artistas representarem essa força feminina imensa que vem das águas, seja por meio de suas imagens culturais, de seus atributos, dos objetos de suas oferendas.

E com isso, tanto os textos, como as artes visuais, vêm a lume para sentirmos e pensarmos nas potências femininas que fazem sentido para cada uma de nós, e sobre nós mesmas enquanto mulheres escritoras e artistas brasileiras.

Deusas nascidas, soltas e descalças

Parida a edição *Das Deusas: arte, gênero e filosofia*, deixemos as deusas pisarem a terra, as águas, o fogo e o ar. *Das Deusas* tornou-se um projeto de pesquisa acadêmico multidisciplinar. Tencionando incluir escritoras, artistas e mulheres outras, mesmo as não acadêmicas, de cabeleira encanecida ou figurando juventude, *Das Deusas* vai construir seus caminhos em outras publicações, exposições e diálogos.

⁵ NASCIMENTO (2016, p. 155), que também diz: “O sincretismo religioso uniu práticas e crenças católicas e práticas e crenças de diversos povos africanos. O sincretismo teve uma função estratégica na constituição dos candomblés, uma vez que a perseguição a qualquer elemento da cultura negra era muito frequente na sociedade brasileira da época do surgimento dos candomblés, o que tornou esta estratégia uma forma de resistência e camuflagem”. A título de curiosidade, note-se que o termo grego *συγκρητισμός* (sincretismo) designa a união dos Cretenses contra um adversário comum.

Bibliografia consultada

- ARAÚJO, Carolina (2016). “Mulheres na Pós-Graduação em Filosofia no Brasil – 2015”. São Paulo: ANPOF. Disponível em http://anpof.org/portal/images/Documentos/ARAUJOCarolina_Artigo_2016.pdf. Acesso em 15/03/2017. p. 4
- CABRERA, Lygia (2004). *Iemanjá & Oxum. Iniciações, Ialorixás e Olorixás*. São Paulo: Edusp.
- CATEL; BOQUET, José-Louis; RUAULT, Jean-Luc (2014). *Kiki de Montparnasse*. Rio de Janeiro: Record.
- FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (2009). *As Mulheres na Filosofia*. Lisboa: Colibri.
- JIMINEZ, Jill Berk (Ed.) (2001). *Dictionary of Artist's Models*. New York: Routledge.
- LORAU, Nicole (2002). “Qu'est-ce qu'une déesse”? In: PANTEL, Pauline Schmitt (Dir.). *Histoire des femmes en Occident. I. L'Antiquité*. Paris: Perrin, p. 39-79.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor do (2016). “Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis”. *Ensaio Filosóficos, Volume XIII*, Agosto, p. 153-170.
- PAJARES, Alberto Bernabé; SOMOLINOS, Helena Rodríguez (1994). *Poetisas griegas*. Edición, traducción, introducción y notas. Madrid: Ediciones Clasicas.
- PERROT, Michelle (2017). *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto.
- PLANT, Ian Michael (Ed.) (2004). *Women Writers of Ancient Greece and Rome: An Anthology*. Translations, introduction and editorial apparatus. University of Oklahoma Press.
- VERGER, Pierre Fatumbi (2012). *Os Orixás. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo*. Salvador: Ed. Corrupio.